

# Casa do Lanternim (Mértola)

## Contributo para a história local

Lígia Rafael<sup>1</sup>  
Virgílio Lopes<sup>2</sup>

---

### Resumo

A Casa do Lanternim, actual sede do Parque Natural do Vale do Guadiana, situada em pleno Centro Histórico de Mértola, foi alvo de intervenções arqueológicas realizadas em diversas campanhas (1994, 2002, 2003 e 2004) no âmbito do projecto de recuperação e valorização do edifício. As intervenções arqueológicas realizaram-se em área e, no interior do edifício, foram desenvolvidos trabalhos de acompanhamento de obra, executados pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola. Trata-se de um local perfeitamente delimitado espacialmente, cuja intervenção arqueológica se desenvolveu acompanhando mais uma fase da reorganização do centro histórico, através da requalificação de um edifício importante em termos arquitectónicos e da história local. Esta intervenção proporcionou uma enorme quantidade e diversidade de materiais com um horizonte temporal que abarca desde o século VIII a.C. até ao século XX. O estudo do sítio e dos

materiais exumados está a ser apoiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia ao abrigo de um Projecto de Investigação e Desenvolvimento (2005/2007).



Fig. 1 – Casa do Lanternim (Mértola)

---

1 - Câmara Municipal de Mértola  
2 - Campo Arqueológico de Mértola

## Escavações arqueológicas na Casa do Lanternim em Mértola

A Casa do Lanternim é um prédio de finais do século XVIII com posteriores remodelações e acrescentos. Estas grandes casas espelham a riqueza e o estatuto social de quem as possui, geralmente comerciantes ou grandes proprietários de terras. O imóvel está situado na zona nobre do centro histórico da vila de Mértola, ao lado do actual edifício da Câmara Municipal e do antigo tribunal, na Praça Luís de Camões.

As obras de remodelação e ampliação deste edifício, para aí ser instalado o centro de informação e documentação do Parque Natural do Vale do Guadiana, levaram o Instituto de Conservação da Natureza a encomendar ao Campo Arqueológico de Mértola (CAM) uma intervenção e um acompanhamento arqueológico na casa e respectivo quintal.

Os trabalhos arqueológicos foram levados a cabo em duas campanhas distintas mas complementares. A primeira, centrada no quintal foi iniciada a de 11 de Fevereiro de 2002 e terminou a 20 Abril; a segunda, que consistiu no acompanhamento das obras no interior da Casa do Lanternim, foi levada a cabo entre Setembro de 2003 e Junho de 2004.

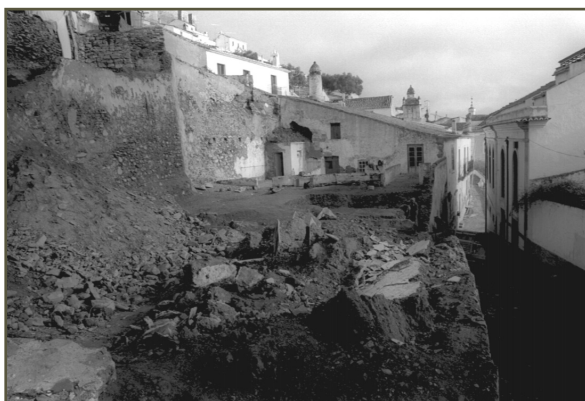


Fig. 2 e 3 - Intervenção arqueológica no logradouro.

As escavações arqueológicas realizadas no logradouro da Casa do Lanternim procuraram realizar-se em área (cerca de 300 m<sup>2</sup>) e, tanto quanto possível, até à rocha base, sendo nalguns locais atingidas profundidades de cerca de 4 metros. O interior do referido imóvel foi alvo de acompanhamento

arqueológico pelo facto de ter havido rebaixamento de pavimentos e recalçamento dos muros existentes numa área de aproximadamente 275 m<sup>2</sup>.

Numa primeira análise às estruturas e materiais identificados podemos inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde a Idade do Ferro até ao século XX.

## Estruturas

Nas estruturas detectadas podemos definir vários momentos de ocupação:

- Uma cisterna que recebia a água de duas condutas, ligadas, uma, aos telhados da casa e outra, às construções existentes no logradouro (ainda parcialmente conservadas em 1994). Quer a cisterna quer as canalizações eram feitas em tijolo.

- Estruturas datáveis da Idade Moderna (século XVI-XVIII), foram observadas na parte do logradouro. Compreendem os compartimentos adossados ao muro-talude de suporte situado a Oeste e que abriam para um pátio. Por sua vez, os compartimentos situados a Sul comunicavam entre si. Todos eles são em alvenaria de pedra (xisto local), ligada com terra. Os pavimentos eram constituídos por restos de argamassa e/ou utilizando a própria rocha base como solo. Infelizmente uma leitura espacial mais ampla fica afectada pelo facto de o muro de suporte do quintal, que faz a separação com a rua, e cuja edificação é do sec. XVIII, contemporânea da Casa do Lanternim, ter cortado e destruído parte dos muros antigos que permitiam perceber melhor como se fazia, nos séculos anteriores, a ligação dessas casas com a rua, então certamente mais estreita.

Na zona do logradouro, abaixo do pavimento, foi detectada a parte inferior de uma grande talha, cujo fundo não se encontrava no seu local de origem (como se deduzia da inclinação que a peça apresentava e da ausência de qualquer material para a sua sustentação). Relacionado com a talha foi descoberta uma moeda de cobre “Três reais” de D. João III (1521-1557).



Fig. 4 - Grande talha in situ.



Fig. 5 - Grande talha in situ.

Nos locais onde a escavação foi mais profunda (interior da cisterna, compartimento a norte desta) foram identificadas estruturas constituídas por xisto local ligado por argamassa e encostadas à rocha base, por vezes cortando-a. Pelos materiais relacionados e pela tipologia das estruturas poderemos datá-las do período romano.



Fig. 6 - Planta geral da Casa do Lanterim.

Junto à entrada para a antiga cavaleriça, por debaixo de estruturas romanas, foram encontrados dois fundos de lareira. Estes fundos continham, associadas, cerâmicas de influência orientalizante (séculos VIII – VII a. C.).

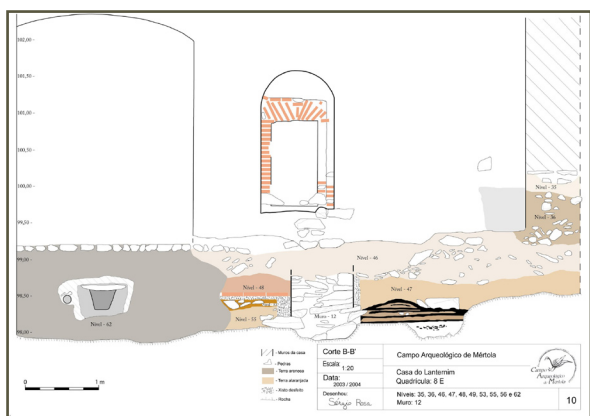


Fig.7. Corte.

## Os materiais arqueológicos – resultados preliminares

Os materiais arqueológicos exumados na escavação, pela análise sumária a que procedemos, revelam continuidade de ocupação, estando representados todos os períodos compreendidos entre os séculos VIII - VII a. C. e XX.

Metodologicamente, relativamente aos materiais não cerâmicos, tendo em conta a sua quantidade e diversidade, considerou-se de extrema importância proceder a uma quantificação do espólio de forma a ter um conhecimento global que permitisse delinear a estratégia de trabalho em termos da intervenção de conservação e de estudo. Esta quantificação foi primeiro efectuada de uma forma geral em que, em cada ano de intervenção, se isolaram os materiais que seriam alvo de estudo, tendo estes sido inventariados, sumariamente caracterizados e efectuada uma primeira avaliação do seu estado de conservação. Numa segunda fase procedeu-se a uma divisão sectorial que forneceu dados quantitativos dos grandes grupos identificados: cobre e ligas de cobre, chumbo, ferro, osso trabalhado, sílex, vidro e materiais compósitos (gráficos 1 e 2).

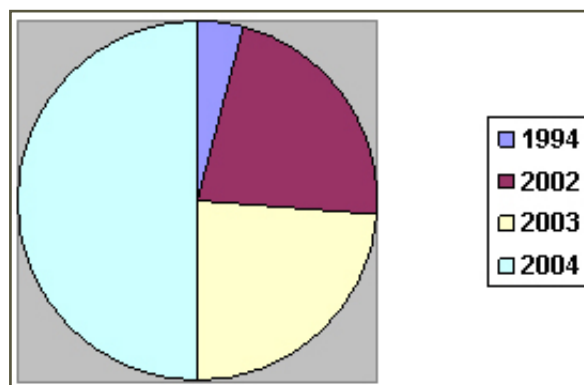


Gráfico 1 – Inventário geral de materiais não cerâmicos exumados em 1994 (42 objectos), 2002 (224 objectos), 2003 (238 objectos) e 2004 (505 objectos). Total de objectos exumados = 1009.

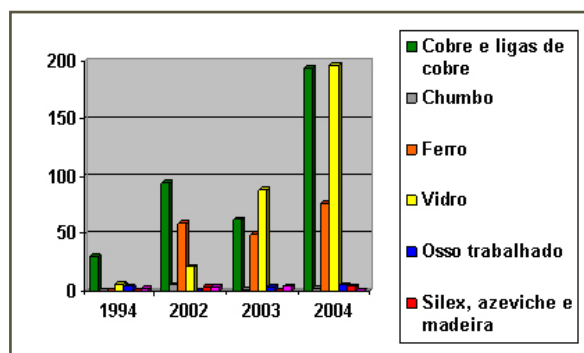


Gráfico 2 – Materiais não cerâmicos exumados em 1994, 2002, 2003 e 2004. No inventário geral estão também incluídos alguns materiais orgânicos, alguns objectos de cerâmica branca (cachimbos) e escórias de vidro.



Na generalidade, os materiais apresentavam-se muito fragmentados, em avançado estado de degradação, processo que foi acelerado pelo seu levantamento do terreno. Esta situação levou a que, na maioria dos casos a intervenção se resumisse à estabilização e consolidação o que, obviamente, dificulta a leitura em termos formais e funcionais. O mau estado de conservação dos objectos metálicos e vítreos está directamente relacionado com as características do solo e com a extrema concentração de humidade verificada no local, não sendo de desprezar também a qualidade dos materiais utilizados já que falamos de objectos modestos tanto em termos dos seus constituintes como das técnicas empregues na sua execução. Nas diferentes tipologias de materiais exumados das intervenções de 1994, 2002, 2003 e 2004 verifica-se a existência dos seguintes grupos: cobre e ligas de cobre, chumbo, ferro, osso trabalhado, sílex, azeviche, vidro, madeira e materiais compósitos (por exemplo constituído por dois tipos diferentes de materiais – ferro e osso). Neste inventário geral estão também incluídos alguns materiais orgânicos, alguns objectos de cerâmica (cachimbos) e escórias de vidro. Foram também identificados alguns fragmentos de cadinhos de fundição (apresentam vestígios de produtos de alteração característicos do cobre, facto só comprovado através de análises químicas que identifiquem claramente os elementos químicos presentes e as suas proporções) o que nos permite equacionar a existência de produções locais.

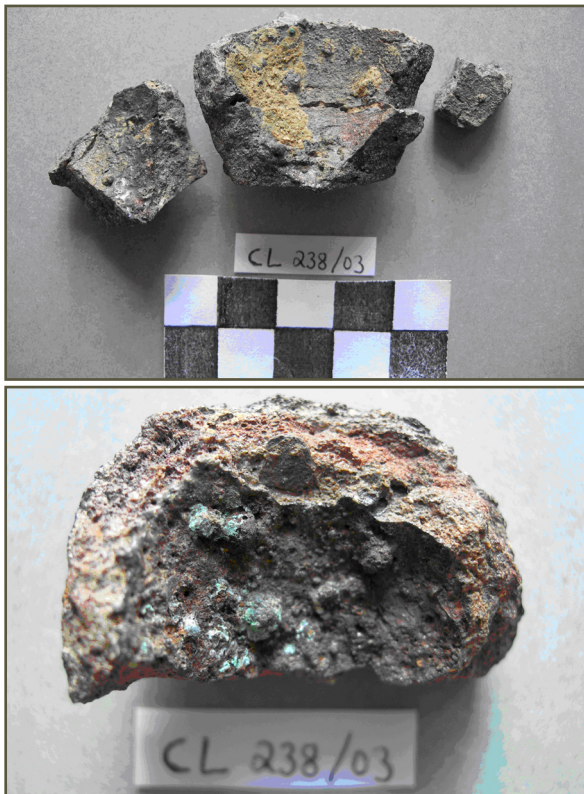


Fig. 8 - Cadinhos de fundição onde se verifica a presença de produtos de alteração característicos do cobre e suas ligas.

Entre os materiais metálicos destaca-se uma grande quantidade de moedas do período romano (entre elas um Denário do séc. I a.C. (119), medieval, moderno e contemporâneo. De salientar também um objecto de adorno de cobre com decoração prateada e *niello*, datável do séc. XIII/XIV e um mostrador de relógio com patine de prata e decoração requintada do séc. XVIII.



Fig. 9 - Denário (anverso e reverso) e Dinheiro de D. Sancho I (1223/48).



Fig. 10 - Real de 10 soldos de D. João I (1385/1433), 4 vinténs D. Afonso VI (1656/67) e mostrador de relógio – Séc. XVIII.



Fig. 11 - Objecto de adorno com decoração prateada e Niello – Séc. XIII.

Foram também identificados inúmeros fragmentos de vidro apresentando a maioria avançado estado de degradação (apresentam destacamento em lamelas, perda de brilho e transparência e degradação total ou parcial do vidro sendo, muitas vezes, somente conservados os produtos de alteração que conservam a forma do fragmento). De referir que os vidros correspondem na sua quase totalidade a fragmentos sendo muito difícil identificar formas ou atribuir cronologias; esta possibilidade só existe em fragmentos como bordos e fundos, fragmentos com decoração ou fragmentos exumados de contexto arqueológico perfeitamente identificado e datado. Entre a enorme quantidade de fragmentos vítreos foram seleccionados alguns seguindo critérios relacionados com o contexto arqueológico, as técnicas de execução e decoração e o estado de conservação.

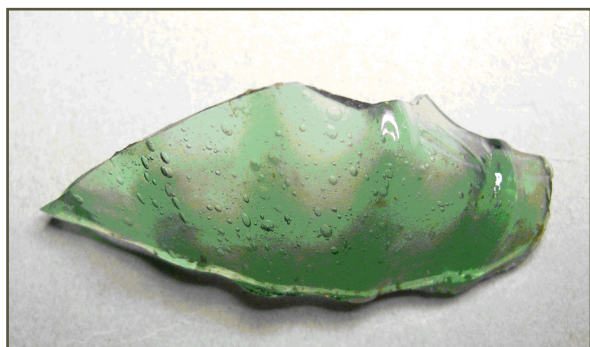


Fig. 12 - Fragmento de vidro com decoração em relevo (século XII/XIII).

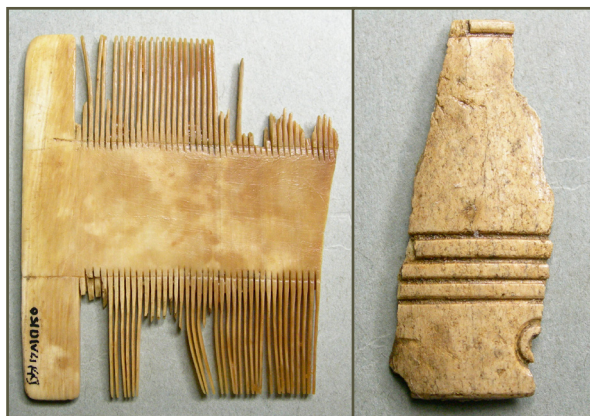


Fig. 13 - Fragmento de pente e de torre de roca – séculos XII/XIII.

Como é comum em qualquer intervenção arqueológica a cerâmica é o achado mais expressivo facto relacionado com as suas características específicas de adaptação ao solo e de resistência química e mecânica. As cerâmicas de período romano identificadas durante a triagem caracterizam-se principalmente por pequenos fragmentos isolados, que não têm qualquer união entre si. No entanto, as cerâmicas romanas, principalmente, *sigillatas* e ânforas têm sido alvo de estudos diversos que permitem identificá-las e datá-las com precisão apesar de se tratarem apenas de fragmentos. De realçar a existência de uma ânfora com o perfil quase completo (excepto bordo), fragmentos de *sigillata* com marca de oleiro, fragmentos com decoração em relevo e incisa e, um fragmento de asa pertencente a uma lucerna.

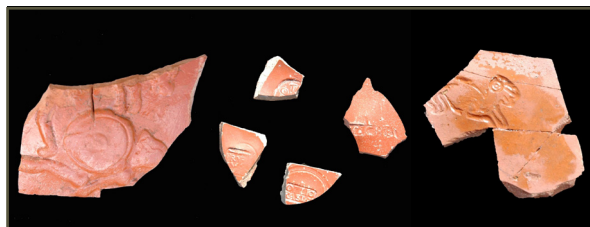


Fig. 14 - Fragmento de sigillata decorado e fragmentos com marca de oleiro (séc. I-II d.C.) e fragmento decorado (séc. III/IV d.c.).

Entre os materiais islâmicos triados destaca-se um candil quase completo, um carimbo com inscrição árabe, fragmentos de cerâmica comum com pintura e fragmentos de cerâmica comum pertencentes a pequenas painéis com uma asa. Em termos cronológicos este lote abarca desde o séc. XI até à 1.ª metade do séc. XIII.



Fig. 15 - Candil – séc. XI/XII.



Fig. 16 - Carimbo com inscrição epigráfica (2ª metade séc. XII/1ª metade XIII).

Cerca de 50% dos fragmentos cerâmicos exumados correspondem a tipologias datáveis entre os séculos XVII e XX, de realçar os objectos do quotidiano como alguidares, pratos, tigelas e chávenas de cerâmica vidrada e faiança e outro tipo de objectos menos comuns como um “bebedouro” do séc. XVIII utilizado para alimentar os enfermos e um “escarrador” do mesmo período, objectos de faiança muito fina e porcelana com decoração cuidada, e um importante conjunto de cachimbos de cerâmica branca datáveis do séc. XVIII. Entre os exemplares de faianças identificamos alguns importados de Inglaterra; estas importações poderão estar relacionadas com a comunidade Inglesa que viveu na Mina de S. Domingos desde a segunda metade do século XIX até meados da centúria seguinte.



Fig. 17 - “Bebedouro” do séc. XVIII e cachimbos de cerâmica do séc. XVIII/XVIII.





Fig. 18 - Tigela e prato de faiança - século XVIII/XIX.

Os materiais pétreos são principalmente constituídos por mármore branco ou acinzentado, de qualidade média/baixa, de grão grosso. Entre os materiais reutilizados no edifício encontra-se um fragmento em mármore muito fino, que no frontão tem insculpido um grifo afrontado a uma folha de acanto encimada por uma rosácea. A composição sugere a existência de um outro animal no outro extremo, buscando a simetria. Lateralmente a ornamentação é composta por um friso de folhas de acanto delimitada por uma linha de óvulos e um reticulado. Esta peça possui um trabalho de escultura requintado em que são cuidadosamente delineados os pormenores do animal. Possivelmente tratar-se-ia de um fragmento de um frontão de ara ou do entablamento de um edifício do século I – II d.C. Em resultado da desmontagem de algumas estruturas da antiga casa foi descoberto um pequeno capitel de mármore decorado com folhas de acanto, peça esta, possivelmente datável ao século III – IV. Na escavação foram também descobertos dois fragmentos de arquitectura decorativa, estes elementos, em mármore, tratando-se certamente de materiais reutilizados na construção da casa e que apontam para cronologias situadas entre os séculos VI e VII.



Fig. 19 - Fragmento arquitectónico com decoração em relevo – séc. I-II d.C.



Fig. 20 - Capitel do séc. III-IV e fragmento de lápide com inscrição.

## Conclusão

Ficou, por conseguinte, inequivocamente atestada uma ocupação humana neste local que vai desde o século IV a. C. até ao século XX, quer pelas estruturas detectadas quer pelo espólio arqueológico posto a descoberto. A nível da topografia infere-se, para este local, a existência de plataformas a distintas cotas, dispostas em socacos, onde se implantavam as estruturas habitacionais, tal como ocorre na restante urbe. Estas, maioritariamente pertencentes ao período moderno, vêem reforçar a intensa ocupação desta área, trazendo novos contributos para a percepção da topografia histórica do casco antigo da vila de Mértola.

Importantes são também os novos dados relativos a estruturas romanas, possivelmente relacionadas com as ruínas da casa romana existente na cave do edifício da Câmara Municipal (um dos núcleos museológicos do Museu de Mértola). Provavelmente, os vestígios encontrados nesta zona indicam os limites Oeste da referida casa, facto que poderá ser atestado em futuras intervenções que abranjam a zona intermédia, que não foi aberta.

Tendo em atenção os resultados obtidos e a necessidade de compreender a funcionalidade espacial das diversas estruturas e de concretizar a cronologia de ocupação e utilização, seria pedagogicamente exemplar conciliar a moderna edificação com um sinal claro do respeito por memórias de outros tempos históricos que afinal têm vindo a definir Mértola como *Vila Museu*.

Neste sentido, está previsto no futuro edifício haver referências visuais a parte das estruturas arqueológicas, prevendo-se também a criação de espaços de memória para expor os artefactos arqueológicos do sítio e abordar as sucessivas fases de ocupação (dada a diversidade e a qualidade do espólio arqueológico encontrado no decurso da escavação).

## Bibliografia:

- GOMEZ MARTÍNEZ, Susana e DELERY, Claire, *Museu de Mértola – Cerâmica de corda seca de Mértola*, 2002.
- LOPES, Virgílio, *Mértola na Antiguidade tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2003.
- LOPES, Virgílio, “Escavações arqueológicas na Casa do Lanternim, em Mértola” in, *Almadan*, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, Junho 2005.
- MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica – Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova (Secs. XII-XIII)*, 1996.
- MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio, *Museu de Mértola – Arte islâmica*, 2001.
- MACIAS, Santiago, *Mértola - O Último Porto do Mediterrâneo*, 3 vol., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006.
- Relatórios das intervenções arqueológicas realizadas na Casa do Lanternim (Mértola), Campo Arqueológico de Mértola.
- Relatório para Fundação da Ciência e Tecnologia do Projecto “Casa do lanternim (Mértola) - Contributo para a história local”, Campo

Arqueológico de Mértola, 2005.

Relatório para Fundação da Ciência e Tecnologia do Projecto  
“Casa do lanternim (Mértola) - Contributo para a história local”,  
Campo Arqueológico de Mértola, 2006.